

# Sarney condena onda de boatos

BRASÍLIA — O presidente José Sarney denunciou ontem, em seu programa semanal **Conversa ao pé do Rádio**, uma "tentativa permanente de desestabilização da nossa economia através de uma onda de boatos que se espalha a cada dia". Os beneficiários desse clima, segundo o presidente, são sempre os mesmos: "Eles não conseguiram seu obje-

tivo, que foi sempre o de tentar um clima de caos." Contra os "especuladores de todos os tipos", Sarney recomendou um mutirão de empresários e trabalhadores "para evitar que se crie um caldo de cultura com o qual ninguém ganhará nada". Sarney criticou também a "irresponsabilidade de cobrar culpas exclusivamente do Poder Executivo ou do presidente".

## □ Í N T E G R A □

É a seguinte a íntegra da **Conversa ao Pé do Rádio** de ontem:

"Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma **Conversa ao Pé do Rádio**, hoje, 29 de setembro de 1989, uma sexta-feira.

Como sabem, estive na sede das Nações Unidas, em Nova York, onde, segunda-feira, abri a conferência anual, esta, a quadragésima quarta Assembléia Geral da ONU.

E o Brasil tem a prerrogativa de inaugurar o período das sessões e, naquele foro, se debatem os problemas mundiais e os problemas da atualidade. Foi uma oportunidade de o Brasil, com seu peso de grande nação, dizer, através de seu presidente, o que pensa e sente a respeito desses temas que preocupa o mundo. Devemos reconhecer que ainda está longe o mundo sem angústias, sem tensões e sem medo. Que muitos temas clamam por solução, mas há esperança e em todos os recantos do mundo nós vemos surgir algumas atitudes políticas que superam conflitos, retomam o diálogo e encontram meios de resolver disputas.

Ressaltei a fortificação dos valores democráticos na consciência moderna; o valor da democracia; dos direitos humanos. E testemunhei, com a minha sofrida vivência, o meu exemplo, o que temos feito pela transição democrática, que naturalmente esse valor tinha o sentido de uma luta amarga, mas tinha o fascínio de participar das transformações que se operam.

No balanço que eu fiz, disse que deixarei para o meu sucessor um Brasil que caminhou 50 anos de democracia nos cinco anos do meu mandato. As instituições estão restauradas, o Estado de Direito está instalado. Somos hoje a terceira democracia do mundo, com 12 bilhões de eleitores, e não vamos esquecer o esforço que nós fizemos para que todo brasileiro pudesse ser eleito, naquela campanha memorável de dois anos atrás. Se temos essa democracia hoje, foi porque nós, também, nessa parte, procuramos que cada cidadão tivesse o instrumento da sua cidadania, que é o seu título de eleitor, que lhe dá direito de exercer o seu voto e a sua escolha.

Lembramos que tivemos eleições em todo o meu mandato, à exceção de 87, quando instalamos a Assembléia Nacional Constituinte e que, no ano passado, tivemos um marco importantíssimo sob o ponto de vista político, que foi a promulgação da nova Constituição do Brasil. E este ano vamos ter a conclusão desse processo com a eleição do meu sucessor no dia 15 de novembro.

E tudo isso se processou dentro de um clima de paz, de um clima de ordem, harmonizando sempre a efervescência de aspirações. Lidamos com cerca de 10 mil greves, mas as soluções de todas elas foram encaminhadas com um espírito de conciliação dentro de uma conjuntura econômica muito difícil, como todos têm visto e têm testemunhado, uma conjuntura econômica de crise.

E, como sempre faço aqui, lá também expressei minha crença no Brasil, na democracia, frisando que na América do Sul os autoritarismos, todos, mergulharam em grande descrédito. E que é latino-americana a maior onda de democratização que o mundo conheceu desde o último pós-guerra.

Frisei claramente que tudo isso corre risco diante de um quadro de sofrimento, de miséria, de pobreza, de desigualdade, exploração e violência que ainda se vê em muitos lugares. Eu estou convencido de que a democracia é o caminho, mas os ditadores e caudilhos e os autoritarismos não podem ser substituídos pela fome, pelas doenças, pelo atraso, pela dívida externa, pela recessão e pelo desemprego. São problemas estão aí e que necessitam do seu verdadeiro e definitivo equacionamento. E, para essas soluções, nós não podemos deixar de ter a cooperação, participação e responsabilidade da comunidade internacional.

Mostrei o quadro de involução que vem tendo a nossa América Latina. Por exemplo, o produto interno da nossa região em 88 era o mesmo que de 78. O Brasil remeteu nos últimos anos cerca de 56 bilhões de dólares para o Exterior. Portanto, o que nós estamos vendo é um Plano Marshall às avessas. O Plano Marshall era aquele plano que, depois da guerra, os Estados Unidos fizeram para restaurar a Europa.

Hoje, o que está acontecendo é justamente o contrário: são os países mais pobres que estão remetendo dinheiro para os países mais ricos. E num momento em que eles não estão devastados pela guerra; ao contrário, estão num momento de grande prosperidade. O dilema da nossa região, portanto, passou a não ser mais militarismo ou populismo e sim saber se ficamos em recessão ou se vamos continuar crescendo e crescer.

Alertei que era chegada a hora de adotarmos uma estratégia que, partindo do pressuposto da retomada do crescimento dos países devedores, pudesse motivar os países credores a voltarem a investir na região.

Também em Nova York, nos dias que ali passei, tive a oportunidade de ter encontros com algumas autoridades de organismos internacionais, como o presidente do BID, como também alguns chefes de Estado e alguns chefes de governo, tratando sempre de assuntos mundiais e de assuntos bilaterais.

Tive um encontro muito importante com o presidente George Bush, dos Estados Unidos. Trocamos idéias sobre as principais questões ligadas às nossas relações.

Recebi a primeira-ministra da Noruega, a senhora Brundland, que é uma das grandes ativistas no mundo sobre os problemas do meio ambiente. Tivemos a oportunidade também de falar bastante sobre meio ambiente, sobre o que temos feito nesse sentido, como a criação do Instituto Brasileiro de Defesa do Meio Ambiente, o Ibama, e também sobre os resultados que já estamos tendo, como a redução das queimadas, as medidas legais que tomamos de proteção à Amazônia.

Estive também com o presidente da Iugoslávia, que é um país geograficamente distante do Brasil, mas com o qual nós temos uma coincidência muito grande. Basta dizer que nas Nações Unidas cerca de 98% dos nossos votos são coincidentes com os votos da Iugoslávia. E recebi do presidente da Iugoslávia a solidariedade do grupo dos não-alinhados, para que a segunda conferência internacional sobre meio ambiente e desenvolvimento fosse realizada no Brasil, em 1992.

Estive também com os nossos presidentes latino-americanos Carlos Andrés Pérez, da Venezuela, Jaime Paz Zamora, da Bolívia, Andrés Rodríguez, do Paraguai. E também tive a oportunidade de reunir-me com muitos presidentes que ali se encontravam e, mesmo, de ser o orador que, em nome de todos, agradeceu ao D. Pérez de Cuéllar o banquete que nos ofereceu.

Pois bem, em todos esses encontros nós falamos de nossos projetos comuns e tomamos decisões para acelerar o andamento de algumas iniciativas. Nossas relações com os países da América Latina estão indo cada vez melhor. E foi o problema da integração latino-americana a maior prioridade da política externa do meu governo. Nós mudamos radicalmente o quadro de relações nestes cinco anos de meu mandato. Temos hoje relações muito positivas no Continente; de tal modo, que eu afirmo que a sorte dos países latino-americanos, hoje, é, também, a sorte do Brasil. Nosso futuro depende em grande parte de nossa capacidade de integração com os nossos vizinhos, num grande espaço econômico conjunto aqui na nossa América Latina.

Para terminar este programa, eu vou abordar um problema de que tive conhecimento acompanhando as coisas do Brasil, mesmo fora. E acompanhei a volta dessa tentativa permanente de desestabilização de nossa economia através de uma onda de boatos que se espalha a cada dia. Os usufrutuários desse clima, nós todos já sabemos, são sempre os mesmos: eles não conseguiram os seus objetivos, que foram sempre o de tentar um clima de caos. Mas o Brasil, como eu disse, é sempre maior que todas essas dificuldades.

Com a alta magistratura que eu exerço e que estou exercendo com paciência e serenidade, principalmente nesta hora de paixão eleitoral, eu estou na obrigação de dizer às classes dirigentes do País, que hoje acho composta de empresários e de trabalhadores, que devemos juntar as mãos para evitar que se crie um caldo de cultura onde ninguém ganhará nada. Como se diz, eles estão tentando, esses que assim procedem, serrar a árvore onde estamos todos nós. A irresponsabilidade de cobrar culpas exclusivamente do poder Executivo ou do presidente está pouco a pouco se mostrando bem visível.

A responsabilidade, portanto, é de todos nós. De todos os poderes. Os tribunais, que devem ter sempre a consciência, ao julgar, que não podem fazer abstração do conjunto do País. O Congresso, ao legislar, tendo a mesma conduta. E do Poder Executivo, mais ainda, que tem, pela sua visibilidade, a obrigação de caminhar nessa direção.

O Brasil precisa do mutirão. Portanto, vamos todos nós dessa mesma família, fazer neste momento um mutirão contra esses boatos econômicos e esses especuladores de todos os tipos. Porque o clima que eles desejam criar no País é um clima que não aproveita a ninguém e não leva a nada.

Quero também, ao finalizar este programa, anunciar o novo salário mínimo a partir do dia 1º de outubro: será de 381 cruzados novos e 73 centavos. Estamos mantendo aquela política que desde o princípio do governo tivemos a oportunidade de anunciar: a valorização do salário mínimo, dos que mais precisam. Isto significa um aumento real de 12,55%, fora o aumento relativo ao IPC.

Pois bem, aqui quero mais uma vez repetir a minha crença, a minha fé e a minha esperança em nosso país. Nós vamos vencer todas as crises.

Bom dia e muito obrigado."